

ENTRELAÇANDO HISTÓRIA E LITERATURA:

uma análise da repressão ao candomblé através da obra *Jubiabá* de Jorge Amado na década de 1930

LEONARDO DALLACQUA DE CARVALHO*

RESUMO

Este artigo analisa a utilização de uma obra literária como fonte de pesquisa histórica, bem como os desafios do historiador na análise de aspectos reais e fictícios, a fim de explorar algumas questões históricas que são muito importantes para a pesquisa. Alguns profissionais na universidade acreditam que o uso da literatura como fonte para o historiador é muito controverso, por outro lado, o diálogo entre literatura e história é uma grande oportunidade para analisar um momento histórico, e as obras literárias podem contribuir para o sucesso da pesquisa. Por esta razão, o livro usado como fonte para este artigo é um romance brasileiro escrito por Jorge Amado, *Jubiabá*, que discute a repressão da religião candomblé na Bahia, em 1930.

Palavras-chave: Literatura e História - Candomblé e Getúlio Vargas

ABSTRACT

This article analyzes the use of a literary work as a source of historical research, as well as the challenges of the historian in the analysis of real and fictional aspects in order to explore some historical issues that are very important to the research. Some (university) researchers think the use of literature as a source for the historian is very controversial; on the other hand, the dialogue between literature and history is a great opportunity to analyze a historical moment, and the literary works can contribute to the interdisciplinary studies. For this reason, the book used as the source for this article is a Brazilian novel written by Jorge Amado, *Jubiabá*, which discusses the repression of candomblé religion in Bahia, in the early 1930s.

Keywords: Literature and History - Candomblé and Getúlio Vargas

* Mestrando em História pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), bolsista CNPq. E-mail: leo_gerrard@hotmail.com.

(...) todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam. Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais.¹

A partir do século XX, a chamada “história nova”² trouxe mudanças e enfoques no trato com a história. De tal modo, diante das transformações no processo de repensá-la, surgiu a necessidade de se incorporar novas possibilidades como, por exemplo, a Literatura³, a Nova História Cultural⁴, que viabilizou outras perspectivas e abordagens por parte do historiador. Multiplicaram-se as fontes, os temas e os objetos, com destaque para os estudos que se valem do conceito de representação.⁵ A partir da possibilidade de manuseio do uso da interdisciplinaridade, pensaremos aqui, como a literatura contribui⁶ sendo esta fonte, e pode fornecer mais subsídios para a construção da historiografia de determinada época e sociedade.

Enxergando a literatura como fonte, a obra literária surge como pertencente ao estudo da história, constituindo-se uma fonte, que não pode ser ignorada. Devido sua peculiaridade – como os detalhes narrativos da obra literária – em suas construções, o texto literário torna-se uma vértebra para os estudos da história e, apropriando-se de Antonio Cândido, o que norteia os fundamentos principais dessa proximidade é “averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto dela poder ser estudada em si mesma; e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce”⁷.

A forma como compreendemos a literatura nesse estudo, coaduna com as análises da pesquisadora Adriana Facina⁸ no que cerne a análise de um escritor, no caso, Jorge Amado, cujo trabalho também converge com a preocupação estética com a linguagem. Destarte, exprime Facina:

1 SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.20.

2 “A expressão foi popularizada pelo livro *La Nouvelle histoire* (1978), editado por Jacques Le Goff e outros, mas já havia sido reivindicada, anteriormente, para os *Annales*. Braudel havia falado de uma história nova em sua aula inaugural no Collège de France (1950). Febvre, por outro lado, usara frases como ‘uma outra história’ para descrever o que o grupo dos *Annales* tentava fazer” (BURKE, 2010, p. 148).

3 CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins, 1969.

4 A 3ª geração da chamada escola dos *Annales* estreitou o diálogo com a Antropologia e diversificou os temas de estudo. Consultar: BURKE, Peter. *A escola dos Annales* (1929-1989). São Paulo: UNESP, 1991; BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

5 Ver CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

6 “Os documentos que descrevem ações simbólicas no passado não são textos inocentes e transparentes; foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias, e os historiadores da cultura devem criar suas próprias estratégias para lê-los. Os historiadores sempre foram críticos com relação a seus documentos – e nisso residem os fundamentos do método histórico.” HUNT, L. História, Cultura e Texto. In: _____. (Org.). *A Nova História Cultural*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 18.

7 CANDIDO A. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2006, p.9.

8 FACINA, A. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

Seja um defensor da “arte pela arte”, mais preocupado com a experimentação formal do que com a transformação da sociedade, seja um autor engajado, que vê na sua obra um instrumento para mudar o mundo, ambos veiculam ideias, valores e opiniões através de um tipo de escrita em que forma e conteúdo são indissociáveis.⁹

Através da análise da pertinência do uso da obra literária para o historiador, e dentre a diversidade de romances de Jorge Amado que retratam a Bahia, este artigo procura analisar o livro *Jubiabá*¹⁰ (1935), uma obra recheada de relatos do cotidiano baiano da década de 1930- e a forma como o romancista enxergava o cotidiano do povo baiano. O livro inclina-se a mostrar o conturbado momento dos trabalhadores do cais, a mobilização em prol das greves, a vivência do povo da Bahia e principalmente para nós, a religiosidade do povo baiano.

Nosso autor, Jorge Leal Amado de Faria nasceu em 1912, na fazenda Auricídia, em Ferradas, distrito de Itabuna, no estado da Bahia. Cresceu em meio a lutas políticas, disputas pela terra e brigas de jagunços e pistoleiros. Nascido nesse ínterim, Amado pode enxergar a vida do povo baiano e como escritor, desenvolver várias obras à respeito da Bahia e do povo baiano. Entre elas, o romance *Jubiabá*, que em suma, conta a história de Antônio Balduino, um menino negro que nasceu na pobreza, mas sempre procurou mudar a sua condição social. Balduino aproximou-se do pai-de-santo Jubiabá¹¹ admirando-o não somente pela mística, mas pelo respeito que o religioso tinha dentro da sociedade, sendo consultado como líder espiritual pelo povo negro do Morro do Capa Negro e também, pela elite branca. Balduino, mesmo não aceitando a condição marginalizada do negro na sociedade, busca melhores condições de vida, mas muitas vezes tinha que se sujeitar a trabalhos de boxeador, estivador de cais para conseguir seu sustento¹⁰. Apelidado de Baldo, Antônio Balduino enxerga nas greves em ascensão uma possibilidade de mudar sua vida e dos outros operários que considerava viverem em uma escravidão moderna. Carregando Zumbi dos Palmares como ídolo, passa a viajar de pelos portos da Bahia ajudando aqueles que buscam melhores condições de trabalho.

Estudar o candomblé a partir da leitura de Jorge Amado ajuda-nos a buscar um olhar mais próximo das vivências populares baianas onde a religião era conhecida e praticada junto com outras práticas de origem afro como a capoeira, por exemplo. Entendemos que o uso da literatura enquanto fonte auxilia-nos a uma maior aproximação do universo popular da década de 1930 na Bahia, em especial as grandes cidades como Salvador. Percebemos através da fonte literária, a tentativa de Amado de recuperar uma memória e identidade afro-brasileira, através da sua cultura e suas raízes como a escravidão, a capoeira, o candomblé, deixada de lado pela negação por parte de uma cultura de elite, que ao mesmo tempo subjulgava, também se apropriava¹¹ da cultura negra. A obra literária permite ser fonte para historiador e contribuía para construir através da lente de Jorge Amado uma memória social do cotidiano das personagens dos grupos populares da época.

Ana Paula Palamartchuk (1988) nos revela a intenção nos primeiros romances de Jorge Amado de compreender a condição histórica do país. Em suas obras, ele engendra personagens

9 Ibid., p.9.

10 “Para ajudar o filho de Lindinalva, o negro Antônio Balduino entrou para a estiva no lugar de Clarimundo que o guindaste o matarala ter uma profissão, ia ser escravo da hora, dos capatazes, dos guindastes e dos navios.” AMADO, J. *Jubiabá*. Rio de Janeiro: Record, 1995, p.275.

11 “Jubiabá pensava encolhido pelos becos do morro, os homens o ouviam com respeito; recebia cumprimentos de todos, e em sua porta paravam, de vez em quando, automóveis de luxo.” AMADO, 1935, p.36.

com o perfil popular baiano. Sendo assim, em *Jubiabá* é fácil notar a participação de pais-de-santo, estivadores do cais, moradores de favelas, a alta elite e todos aqueles que de certa forma configuram o cenário baiano. Nas palavras da autora:

A história do negro Baldo, em *Jubiabá*, é exemplar. Trajetória que se encaminha do ódio racial ao ódio de classe. Baldo é aquele que consegue vencer as barreiras impostas pelas estruturas sociais, que o jogam para a malandragem, para a vagabundagem, para as lutas de capoeira, para os terreiros de candomblé. Antônio Balduino, mais conhecido como o negro Baldo, aprende sobre a vida nas ladeiras do morro onde mora.¹²

Esta afirmação ressalta o caráter da visão do autor Jorge Amado com o social que integra. Elabora a ideia do negro no pós-abolição, sem condições de trabalhos e de ascensão social, dependendo de um novo tipo de vínculo com o empregador para sua subsistência. No Brasil, o afrodescendente é obrigado a viver à margem da sociedade, sendo suas ações banalizadas e excluídas da vida social, como se fosse um mal a ser erradicado.¹³

Jorge Amado traça esse paralelo entre a sua obra de romance com a realidade do momento vivido historicamente. Apesar de o romance conter elementos ficcionais, ele também nos evidencia momentos vividos na década de 1930, pois Amado constrói sua ficção a partir da sua própria vivência, o que corrobora com os estudos historiográficos do período¹⁴ e, é possível enxergar elementos sociais e problemas da sociedade em movimento através da leitura do romance. Esta informação é pertinente e nos dá propriedade para trabalhar com a obra literária. Sidney Chalhoub acredita que a maior preocupação não deve ser em relação ao caráter ficcional da obra literária, mas sim com “a necessidade de destrinchar sempre a especificidade de cada um desses testemunhos”¹⁵.

Chalhoub ao dedicar suas pesquisas nos romances de Machado de Assis, nos apresenta como é possível perceber os testemunhos históricos presentes nos textos do literário. É compreensível a partir dessa análise, uma ferramenta para o testemunho daqueles que não tiveram a oportunidade de falar sobre si mesmos. O trecho a seguir apresenta a preocupação

12 PALAMARTCHUK, A. P. Jorge Amado: Um escritor de putas e vagabundos? In: CHALHOUB, S. e PEREIRA, L. A. de M (Orgs.) *A História contada: capítulos de História social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1988, p.343.

13 “A vida do Morro do Capa Negro era difícil e dura. Aquêles homens todos trabalhavam muito, alguns no cais, carregando e descarregando navios, ou conduzindo malas de viajantes, outros em fábricas distantes e em ofícios pobres: sapateiro, alfaiate, barbeiro. Negras vendiam arroz-doce, munguza, sarapatel, acarajá, nas ruas tortuosas da cidade, negras lavavam roupa, negras eram cozinheiras em casas ricas dos bairros chiques. Muitos dos garotos trabalhavam também. Eram engraxates, levavam recados, vendiam jornais. Alguns iam para casas bonitas e eram crias de famílias de dinheiro. Os mais se estendiam pelas ladeiras do morro em brigas, correrias, brincadeiras. Esses eram os mais novinhos. Já sabiam do seu destino desde o peso dos sacos cheios de cacau, ou ganhariam a vida nas fábricas enormes. E não se revoltavam porque desde há muitos anos vinha sendo assim: os meninos das ruas bonitas e arborizadas iam ser médicos, advogados, engenheiros, comerciantes, homens ricos. E eles iam ser criados destes homens. Para isto que existia o morro e os moradores do morro. Coisa que o negrinho Antônio Balduino aprendeu desde cedo no exemplo diário dos maiores. Como nas casas ricas tinha a tradição do tio, pai ou avô, engenheiro célebre, discursador de sucesso, político sagaz, no morro onde orava tanto negro, tanto mulato havia a tradição da escravidão ao senhor branco e rico. E essa era a única tradição.” AMADO, 1935, p.39-40.

14 Ver CARNEIRO, E. *Candomblés da Bahia*. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2008. CANCELLI, E. *O mundo da violência: a polícia da era Vargas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993. ANDREWS, G.R. *Negros e Brancos em São Paulo, (1888-1988)*. Bauru-SP: EDUSC, 1998. CARONE, E. *A Segunda República (1930-1937)*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1969.

15 CHALHOUB, S. Diálogos políticos em Machado de Assis. In: CHALHOUB, S. e PEREIRA, L. A. de M. *A História contada: capítulos de História social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

de Chalhoub com a questão histórica ao destrinchar a obra de Machado de Assis:

Em Dom Casmurro, Machado de Assis volta a abordar as transformações históricas que haviam sido centrais em Iaíá Garcia. Os riscos potenciais que correm os dependentes nesses diálogos políticos e cotidianos é um dos temas fundamentais do romance.¹⁶

Chalhoub, através da análise da obra literária, percebe o momento histórico vivenciado e o próprio Machado de Assis, por meio do enredo de suas obras, deixa transparecer o estereótipo daquele recorte temporal no qual a obra está inserida. Em *Jubiabá* também encontramos pistas que coadunam com o caráter temporal da publicação da obra. O medo dos afro-descendentes em relação a sua marginalização social, bem como o Estado Varguista na busca desenfreada por coibir as ideias da esquerda e a perseguição policial cada vez mais frequente. A narrativa de Amado traz uma visão do negro Baldo para a sua situação e a vivência do negro na sociedade.

Outro exemplo de trabalho com a literatura é de Ivone Cordeiro Barbosa em *“Sertão: um lugar – Incomum / O sertão do Ceará na Literatura do século XIX”* (2000)¹⁷, em que a autora estuda a literatura local do sertão cearense produzida durante o século XIX até final da década de 1920, com o objetivo de averiguar as representações produzidas sobre esta temática nas obras literárias. Ela percebe com o apoio da literatura outras formas de sobrevivência que não poderia perceber em outras fontes. Sob o viés do olhar aguçado dos literatos do século XIX, é possível recuperar facetas do sertão cearense, remontando sua história não somente geográfica, mas também social. Assim como para Barbosa, a intenção do uso da literatura em nossa análise não é de dialogar com o caráter ficcional da obra, mas como as representações produzidas sobre a vivência do candomblé a partir do olhar de Jorge Amado nos anos de 1930.

É através da obra literária que entendemos como o escritor constrói suas personagens e identifica a visão daquele autor perante a sociedade de sua época. No que cerne a Jorge Amado, enxergamos a relação de Amado com a política, bem como o seu engajamento ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), com isso entendemos como traz assunto da ordem ideológica trabalhista, a exploração do trabalho, as diferenças sociais e, bem como, ao escrever sobre o movimento grevista em *Jubiabá* deixa transparecer aquele momento que agitava os ânimos do país na década de 1930:

Antônio Balduino fala. Ele não está fazendo discurso, gente. Está é contando o eu viu na sua vida de malandro. Narra a vida dos camponeses nas plantações de fumo, o trabalho dos homens sem mulheres, o trabalho das mulheres nas fábricas de charuto. Perguntem ao Gordo se pensarem eu é mentira. Conta o eu viu. Conta eu não gostava de operário, de gente que trabalhava. Mas foi trabalhar por causa do filho. E agora via que os operários se quisessem não seriam escravos. Se os homens das plantações de fumo soubessem, também fariam greve...¹⁸

16 Ibid., p.115.

17 BARBOSA, I.C. *Sertão : um lugar – Incomum O sertão do Ceará na literatura do século XIX*. Editora Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2000.

18 AMADO, 1995, p.275.

A obra literária assume uma função de “testemunho histórico”¹⁹, servindo para o historiador como uma ferramenta para a análise do passado tanto teoricamente como metodologicamente, em outras palavras, o historiador toma posse do documento literário para entender o momento em que a obra foi escrita e transpor para o seu estudo o objeto da análise. A obra literária não se apresenta como espelho do mundo social, mas sim constituída desse mundo, não sendo um aspecto meramente secundário, pela análise de Adriana Facina:

(...)pode-se dizer que a literatura não é espelho do mundo social, mas parte constitutiva desse mundo. Ela expressa visões de mundo que são coletivas de determinados grupos sociais. Essas visões de mundo são informadas pela experiência histórica concreta desses grupos sociais que as formulam, mas são também elas mesmas construtoras dessa experiência. Elas compõem a prática social material desses indivíduos e dos grupos sociais aos quais eles pertencem ou com os quais se relacionam. Nesse caso, analisar visões de mundo e ideias transformadas em textos literários supõe investigar as condições de sua produção, situando seus autores histórica e socialmente.²⁰

Paul Ricouer (1997) defende a tese da possibilidade de um resultado satisfatório quando se trabalha com história e literatura. Ele acredita que o pesquisador possa utilizar documentos que lhe darão evidências de episódios que em outro momento foram “reais e vivos”, mas que só podem ser recontados por ele, e assim transformados em tempo humano, ao serem criados e criticados em sua mente. O autor complementa que “a história se serve, de algum modo, da ficção para refigurar o tempo e, por outro lado, a ficção se vale da história como mesmo objetivo”²¹

Este artigo endossa o argumento de Ricouer que é possível um entrelaçamento entre história e literatura no ofício do historiador. Através das análises da obra literária pode-se reconstruir um momento vivido através de elementos que representam um momento social. O historiador Antônio Celso Ferreira²² se aproxima desse debate ao discutir as pertinências entre a história e literatura, destacando as escolhas de suas execuções no campo da história²³.

À luz da ótica de Ferreira é plausível nortear a amplitude do campo do historiador da contemporaneidade, tomando posse de ferramentas multidisciplinares que coadunam em suas pesquisas. Por esses caminhos, é possível a apropriação do material literário e repensar o

19 Qualquer obra literária é evidência histórica objetivamente determinada, isto é, está situada no processo histórico, logo apresenta propriedades específicas e precisa ser adequadamente interrogada. CHALHOUB, S. e PEREIRA, L.A.M. (1988).

20 FACINA, 2004, p.25.

21 RICOUER, P. O entrecruzamento da história e da ficção. In: *Tempo e narrativa: Tomo III*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 1997, p.17.

22 FERREIRA, A. C. História fast food (ou alguns problemas da teoria e da narrativa histórica neste fim de século). In: *Cultura Histórica em debate*. Org. Zélia Lopes da Silva. São Paulo: UNESP, 1995, p.54.

23 As relações entre história e literatura estão no centro do debate sobre a disciplina histórica na atualidade. Constituído-se em linha de pesquisa destacada, o estudo desse intercâmbio remete, no entanto, a uma reflexão que já acumula várias décadas e envolve diferentes áreas das humanidades preocupadas com a linguagem. Pautado por uma ótica interdisciplinar e comparativista, tal linha acompanha a propensão contemporânea de se interrogar as fronteiras de conhecimento que a tradição institucional construiu. Questionam-se os limites entre arte, ciências e filosofia, ficção e verdade; gêneros literários; narrativa histórica e narrativa literária. Todavia, se essa tendência pode representar um caminho de renovação teórica, metodológica e disciplinar, lançando indagações de enorme amplitude. FERREIRA, 1995, p.54.

“fazer história”, e organizar estratégias de remontar a realidade, e assim buscar proximidades e conexões entre a literatura e a história. A partir desse entrelaçamento que o historiador investiga a preservação de memórias vivenciadas. Em referência a este diálogo, Zeloí Aparecida Martins dos Santos salienta em seu artigo *“História e Literatura, uma relação possível”* (2007)²⁴.

A mesma tese de transformação é expressa por Chalhoub que argumenta a importância dos historiadores em usar a literatura como “testemunho histórico”, pensar a literatura em uma relação constante com a sociedade e reconhecer o seu poder de intervenção social. Assim, “mais importante do que estabelecer quem, onde e como produziram as narrativas, deve ser o compromisso de perceber os diálogos e as intervenções desses autores na realidade social para modificá-la. Ela deve ser vista, antes de tudo, como uma forma de comunicação social”²⁵.

Destarte, o trabalho com a obra literária, utilizado por pesquisadores como fonte histórica, permite perceber que, o aspecto ficcional da literatura é para a pesquisa científica um processo que envolve atores historicamente situados em contextos sociais claramente estabelecidos, cabendo ao historiador buscar as rupturas e permanências entre os diálogos do texto e do momento histórico.

Ao utilizarmos *Jubiabá* em nossa análise, queremos dar voz àqueles que não puderam falar devido às repressões sofridas no início da década de 1930 e que perduraram nos anos porvindouros, culminando no chamado Estado Novo em 1937, em que a repressão do Governo Vargas tornou-se ainda mais enfática²⁶. O caráter ficcional que caracteriza os escritos de Jorge Amado, não impede que recorremos ao momento histórico vivenciado na obra e façamos um paralelo com antropólogos, sociólogos e historiadores acerca da condição vivida por esses grupos naqueles momentos. Menos ainda, queremos retirar das análises literárias a expressão ímpar e estéticas adotadas que traduzem suas livres recriações e sua essência textual. O que não podemos ignorar é o escritor como um agente histórico, e que suas obras remontam um espaço social no qual estão inseridos os seus valores e que são fatalmente reforçados.

Em Wolfgang Kayser (1958), percebemos o esforço do autor em explicar a importância da construção da história com a obra literária, a importância na percepção da obra literária como um documento histórico. Em enumeração das novas idéias da ciência da literatura²⁷ ele cita no item 5:

A obra poética é um documento histórico. Estreitamente ligada à nova concepção da história, desenvolvida no século XVIII, resultou como exigência para a compreensão absoluta de uma obra a necessidade de lhe conhecer as premissas históricas. No seu artigo sobre Shakespeare, Herder forneceu-nos um exemplo de como o conhecimento

24 Como estabelece Hayden White em seu ensaio, *As ficções da representação factual*, a realidade pode ser representada de forma indireta pelo romancista, que usa a imaginação, mediante a figuração da linguagem, enquanto o historiador registra propostas que afirma corresponder aos detalhes extratextuais. Porém, todo discurso escrito revela uma forma de conhecimento mimético, isto é, tanto a ficcional quanto o não ficcional representam apenas a realidade acontecida ou imaginada. Tanto história quanto romance ou poesia são textos e como tais necessitam ser entendidos através dos recursos de conhecimento específicos para leitura de palavras escritas. Enfim, literatura e história limitam-se em um tropico sutil, os limites do discurso, isto é, gêneros discursivos, mas diferentes, que utilizam recursos narrativos similares com intenções distintas. SANTOS, Z. A. dos. História e Literatura: uma relação possível. In: *Revista Científica / FAP - Versão Eletrônica*. v.2, Curitiba, 2007, p.9.

25 CHALHOUB, 1988.

26 CANCELLI, E. *O Mundo da violência: A polícia da era Vargas* / Elizabeth Cancelli. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993..

27 Wolfgang Kayser salienta que no século XVIII deu-se uma nova maneira de interpretar a poesia e na concepção do artista.

da história da Grécia, ou da Inglaterra, pode ser útil para a compreensão do drama grego, ou isabelino.²⁸

É perceptível que Amado ao escrever *Jubiabá*, coloca a sua visão sobre o contexto político e social do Brasil, transparecendo seu ideário comunista na relação das personagens com o movimento grevista e a busca por melhores condições para os operários.²⁹ Ele constrói sua narrativa pautada no meio social em que vive.

A partir dessa concepção, enxergamos como Amado relata na obra ficcional as suas próprias memórias como militante e confunde-as com a do protagonista do livro, Antônio Balduino. O autor embasa a partir da sua ideologia e como enxerga o momento vivido no cenário brasileiro. Os conturbados anos de 1930 são percebidos nos livros de Jorge Amado e configuram as reflexões estabelecidas nas linhas anteriores sobre o contexto histórico da obra literária e sua importância como documento para o historiador. Eduardo de Assis Duarte diz que “nesses tempos pós-utópicos, a possível conclusão e a de que as palavras – e mais do que elas, a vida e a obra – de Jorge Amado e de Graciliano Ramos Ficam como referências históricas a balizar, quem sabe, as utopias de amanhã”³⁰.

Amado, ao escrever sobre um romance evidenciando o problema do afrodescendente acaba por tomar o candomblé como sua herança cultural, e a conseqüentemente a cultura brasileira em formação. Descrever a vida sofrida do protagonista Antônio Balduino é descrever o contexto social dos afro-brasileiros que viviam na Bahia, em especial na cidade de Salvador. O romance retrata aqueles que fazem parte do cotidiano da década de 1930, não somente no campo social, como no político e econômico. Nas palavras de Duarte “o texto de *Jubiabá* enfatiza a proximidade da escravidão como fator preponderante para a figuração de uma identidade brasileira afrodescendente”³¹. Por essa argumentação vemos a situação do negro no próprio espaço do Morro do Capa Negro. O pai Jubiabá conta a história do antigo proprietário das terras no tempo da escravidão:

“Ah! Oê num sabe... Pois ele é senhor branco que era dono de uma fazenda. Isso foi nos tempos passados, nos tempos da escravidão de negro. A fazenda dele ficava bem aqui onde nós mora agora. Bem aqui. Oê não sabe porque esse morro chama do Capa Negro? Ah! Oê não sabe... Pois é porque êsse morro era fazenda dêsse senhor. E êle era homem malvado. Gostava que negro fizesse ilho em negra para ele ganhar escravo. E quando negro não fazia filho êle mandava capar negro... Branco ruim... Por isso esse morro é do Capa Negro e tem lobisomem nêle. O lobisomem é o senhor branco. Êle não morreu. Era ruim demais e uma noite virou lobisomem e saiu pelo mundo assuntando gente. Agora êle vive procurando o lugar da

28 KAYSER, W. *Análise e interpretação da obra literária: Introdução à ciência da literatura*. Coimbra, Armênio Amado, 1958, p.23.

29 “Severino faz um discurso. Não são somente os operários da Circular que estão passando fome. Também eles, das docas, não tem o que comer E demais têm um dever de solidariedade para com os operários da Circular. São todos irmãos. Êles devem aderir à greve. Os discursos se sucedem.” AMADO, 1935, p.271.

30 DUARTE, E. A. *Aquarelas do Brasil: Margens da identidade nacional a ficção de Jorge Amado*. In: *Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras* / Ligia Chiappini, Maria Stella Bresciani (Orgs.). – São Paulo: Cortez, 2002, p. 53 – 73.

31 DUARTE, 2002, p.61.

casa dêle que era aqui no morro. Êle ainda quer capar negro..."³²

Amado constrói uma gama de personagens ficcionais e contribui para o leitor a imaginação e o entendimento dos contextos sociais. Justamente por remontar um determinado período, esta obra se faz valer como fonte, pois reflete a interpretação do autor acerca de um determinado evento. Cabe ao historiador, reordenar a interpretação do autor na obra, separar os fatos de interesse histórico e analisá-los sem a poética da narrativa.³³

O historiador analisa a obra ciente do caráter ficcional que prende o leitor comum³⁴ e busca evidências históricas para a construção do recorte temporal a ser analisado. Por isso a análise deve ser minuciosa para que se resguardem os elementos que auxiliam na proposta do momento sugerido para as ações e as possíveis alusões ao romance concatenem ou não com os estudos historiográficos.

Ao analisarmos documentos literários, torna-se necessário ao historiador não apenas enfocar o conteúdo narrativo que se estabelece o conteúdo da obra literária, mas todo processo que a envolve³⁵, desde a formação do autor, até seu acolhimento junto à crítica e ao público, seus objetivos, seu enredo, em que contexto ela foi escrita, o público receptor, tendências políticas que se organizavam na sociedade, enfim, tudo aquilo que ajuda a compreender o momento em que aquela obra se insere. Empréstado para este artigo as palavras de Elaine Pereira Rocha, podemos traduzir efetivamente a noção de conexão entre a obra literária e o a apropriação dela para o historiador:

Da mesma forma, ao trabalhar com a literatura dentro de uma perspectiva histórica, pode-se estender a análise no sentido de captar o que Pierre Bourdieu chamou de *estruturas, hábito e práticas*³⁶. No romance regional, por exemplo, as descrições de ambiente e cultura são elementos importantes da narrativa e podem ser utilizados no trabalho histórico, tanto quanto as práticas cotidianas que estão presentes na dinâmica da estória e nas emoções inseridas a cada personagem. Isso é válido tanto para obras nacionais como as novelas de Jorge Amado, que retratam a vida na Bahia entre as décadas de 40 e 60, quanto para novelas internacionais que trazem em suas tramas não

32 AMADO, 1935, p.46.

33 Esse texto não tem como objetivo adentrar na poética narrativa, que segundo Jean Yves-Tadié seria a "A narrativa poética em prosa é a forma da narrativa que toma emprestado ao poema seus meios de ação e seus efeitos, de modo que sua análise deve considerar ao mesmo tempo técnicas de descrição do romance e do poema: a narrativa poética é um fenômeno de transição entre o romance e o poema. [...] A hipótese de partida será que a narrativa poética conserva a ficção de um romance [...] Mas, ao mesmo tempo, procedimentos de narração remetem ao poema" (TADIÉ, J. -Y. *Le Récit poétique*. Paris: Gallimard, 1994, apud FALEIROS, M.O. A Narrativa Poética de Guimarães Rosa: uma leitura de "nada e a nossa condição" *Itinerários*, Araraquara, n. 25, 2007 p.159-169.

34 Cabe destaque ao caráter ficcional que está inserido para o leitor comum que lê a obra sem compromissos entre o real e o ficcional, e também ao historiador que trata a narrativa pela historicidade da obra.

35 Para Facina, "(...) é preciso situar histórica e sociologicamente autores e obras, definindo o lugar social de onde elas eram escritas, em que veículos eram publicadas, quem era o público a quem o autor se dirigia, quem eram seus interlocutores, com quem ele polemizava etc. Os olhares desses escritores sobre a sua sociedade e sobre os debates públicos mais importantes de sua época precisam ser contextualizados." FACINA, 2005, p.44.

36 BOURDIEU, P, 1990 apud ROCHA, E.P. Textos e contextos: o longo e complexo relacionamento entre História e Literatura. In: *Revista outros tempos: Dossiê História e Literatura*. Revista Virtual, v. 8, n.11, 2011, p.299.

apenas as descrições de práticas culturais como também emoções provocadas por determinadas políticas como o racismo na África do Sul.³⁷

Enquanto a literatura assume e valoriza seu compromisso com o caráter ficcional da obra, dando ênfase ao poder da fantasia na edificação do passado e do presente, a história deixa de lado a ficção da narrativa, colocando-se a luz da cientificidade tentando se afastar da questão fictícia na busca do verídico. Thomas S. Khun (1970) afirma que “na ausência de um paradigma ou de algum candidato a paradigma, todos os fatos que possivelmente são pertinentes ao desenvolvimento” deste saber como “ciência têm a probabilidade de parecerem igualmente relevantes”³⁸.

A interdisciplinaridade entre história e literatura contribui para uma análise mais avançada sobre o objeto que se busca trabalhar. Enriquecer o campo da história através do aceite do uso da literatura como fonte faz parte do foco dessa análise para denotar a importância do historiador buscar outras fontes para auxiliar a sua pesquisa.

Jorge Amado contextualiza momentos da história no enredo do romance. Dá ênfase ao afro-brasileiro, ao operário, a religiosidade e aos costumes baianos, relatando em suas obras uma forma de enxergar uma Bahia no plural³⁹ neste período. José María Díez Borque (1977) em seu estudo *Comentário de textos literários: (Método y práctica)* expõe que:

El autor puede aparecer como personaje, o como observador; puede ceñirse a describir lo que ve (lo externo) o presentarnos motivaciones y conducta de los personajes, situándose en su interior (onisciente); puede distanciarse de su personajes; puede tener un punto de vista fijo o múltiple. Puede, adoptar distintas posturas globales (objetiva, subjetiva...), distinta disposición en La transmisión (realista, idealista... etc.).⁴⁰

Pela perspectiva de Borque, identificamos como o autor da obra literária pode se envolver com a mesma e participar em um “testemunho histórico” de várias formas. Ao passo que cabe ao historiador com sua lente de aumento identificar as proximidades desse relato com o contexto social da época. Nesse sentido, o exemplo da religiosidade como suporte espiritual para o enfrentamento do dia-a-dia, a repressão e intolerância do governo e da polícia com operários e adeptos do candomblé, etc.⁴¹

37 ROCHA, E. P. Textos e contextos: o longo e complexo relacionamento entre História e Literatura. In: *Revista outros tempos: Dossiê História e Literatura*. Revista Virtual, v. 8, n.11, 2011, p.299.

38 KHUN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

39 “Jorge Amado nunca pretendeu ser intérprete do Brasil, mas sempre o foi. Suas personagens são pessoas regiradas das ruas de Salvador; a Bahia que descreveu foi aquela dos costumes misturados, dos credos cruzados e das gentes de muitas coires e mistérios. Sua ficção é sempre repleta de atores tão reais como imaginados e seu mundo de romance é povoado de um universo a um só tempo pessoal e partilhado socialmente. Por isso, em se tratando da obra de Jorge Amado, é sempre difícil dizer onde começa a ficção e quando termina a realidade.” SCHWARCZ, L.M. O artista da mestiçagem. In Goldstein, Norma S. (org) *Caderno de leitura: O Universo de Jorge Amado*. São Paulo, Cia das Letras, 2009, p. 35.

40 BORQUE, J. M. D. *Comentario de textos literarios: (método y práctica)*. Madrid, Player, 1977, p.33.

41 “Para Walter Benjamin, o escritor é sempre um revolucionário e seu trabalho irá sempre refletir as disputas do seu tempo. A história, parafraseando o historiador Honório Rodrigues, é o “corpo do tempo”, existe como um testemunho da vida do ser humano naquele momento em particular. Para isso quem escreve lança mão de todos os vestígios dessa história e a literatura é o mais popular e um dos mais promissores vestígios. A união da literatura com a história, como texto e contexto, não é nova, mas pode ser reinventada a cada interpretação, abordagem e aplicação.” ROCHA, 2011, p.311.

A partir desse pensamento, podemos trabalhar a obra de Amado para contextualizar um momento histórico e analisar o discurso daqueles que já não podem mais se pronunciar. Essa ferramenta faz alusão a uma forma de enxergar a história, de apropriar-se do discurso interdisciplinar na busca de reconstruir contextos que outrora causavam temor em suas aproximações entre as referidas disciplinas. Literatura e história se aproximam a medida que há possibilidade de se aventurar entre os dois campos para se complementarem. É desnecessário dizer que a aproximação e o distanciamento dependem no que compete ao historiador, no trato da documentação. Afinal, “a literatura possui papel importante, pois representa um dos suportes da cultura nacional, assumindo o compromisso de edificar novos padrões de sociabilidade”⁴².

A polícia vem aí!

É sob esta ótica da pertinência do uso da literatura que podemos perceber em tom de denúncia, como livro transparece o momento político vivenciado no cenário brasileiro da década de 1930 e nos ajuda a compreender porque o candomblé foi perseguido pela polícia.

É sabido que com a forçada diáspora africana⁴³, os africanos que chegavam ao Brasil de várias partes da África trazendo sua pluralidade cultural, se misturavam e mesclavam sua cultura, seja na no campo linguístico, sexual ou religioso. Em outras palavras, a mistura cultural e religiosa deu origem a novas formas de manifestações, que posteriormente contribuíram para a formação da identidade dos africanos no Brasil e, a partir da miscigenação acarretou na própria gênese da formação da identidade nacional. Dialogando sobre a temática do multi-culturalismo, Sergio Ferretti comenta que “índios e negros também se consideram índio-brasileiro e negro-brasileiro e nossa cultura também se caracteriza pelo hibridismo e pelo multiculturalismo que no passado foram negados e hoje passam a ser mais reconhecidos.”⁴⁴

Esta reinvenção das religiões africanas no Brasil configura-se sob os aspectos de resistência à escravidão e de suporte para os africanos e afrodescendentes superarem os sofrimentos aos quais eram submetidos. Por este viés, percebemos como a formação da religiosidade afro-brasileira se desenvolveu no Brasil. Os negros libertos, mulatos e escravos urbanos convivendo com o crescimento das cidades e com o aumento do número da sua população tiveram maior facilidade com esta aglomeração para organizarem seus cultos fora das fazendas ou em lugares secretos. Um local mais reservado, poderia servir de proteção para as imagens sagradas e preservá-las.

Antes do século XIX, o termo designado para as tradições religiosas era definido pelo nome de calundu. Para Luís Nicolau Páres (2007), que dispõe de documentos que retratam o aparecimento do termo “candomblés” em meados de 1807, um escravo denominado Antônio era identificado como “presidente do terreiro dos candomblés”. Segundo Páres este é o

42 CANDIDO, A. Introdução. In: *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5ª ed. Belo horizonte. Ed. Itatiaia. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975, p.23-39.

43 “Esses negros, importados para as Antilhas, eram destinados aos trabalhos nas minas, e o padre Bartolomé de las Casas, tendo observado “os bons resultados” obtidos com esses escravos africanos e penalizando-se com o destino dos índios, que não resistiam ao trabalho agrícola, ‘imaginou um meio engenhoso de salvar a vida de seus catecúmenos e, ao mesmo tempo, salvar a alma dos outros’: incitou a cora da Espanha a autorizar o tráfico dos negros.” (VERGER, P. *Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de todos os santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2000, p.19.

44 FERRETTI, S. F. Multiculturalismo e sincretismo. In: I Congresso Nacional em Ciências da Religião do PPGCR da Universidade Católica de Goiás, 1., 2007, Goiânia. *Anais...*, 2007, p. 2. Em nota, o autor salienta a publicação do trabalho In: MOREIRA, A S e OLIVEIRA, I D. O futuro das religiões na sociedade global. Uma perspectiva multicultural. São Paulo: Paulinas/UCG, 2008, p 37-50.

primeiro indício conhecido da palavra “candomblé”. O termo provavelmente de origem banto é explicado pelo pesquisador no trecho a seguir:

Como comenta Rachel Harding, a palavra “candomblé” surge no momento em que o termo “calundu” deixa de ser utilizado. Essa coincidência pode ser aproveitada para reforçar a polaridade analítica, sugerida no capítulo precedente, entre os velhos calundus coloniais e os novos candomblés de maior complexidade organizacional, e talvez para datar, grosso modo, a emergência e maior visibilidade dos segundos nesse início de século.⁴⁵

Edison Carneiro (2008)⁴⁶ salienta o surgimento do candomblé majoritariamente nos centros urbanos, e destaca a sua fixação nas zonas de grande importância econômica como as capitais dos Estados. Esta importância supera a manutenção no âmbito rural na escravidão, era necessário dinheiro e liberdade, e este suporte era encontrado apenas nos centros urbanos. Assim, seguimos para o início do século XX, mais precisamente no Governo Vargas, onde a religião afro-brasileira passou a sofrer outras formas de coerção.

É sabido que em novembro de 1930, o gaúcho Getúlio Vargas tornou-se, em caráter provisório, Presidente do Brasil. Vargas veio a substituir o, até então, governo legal do presidente Washington Luís (1926-1930), que foi deposto por militares mais graduados com o propósito de impedir a posse de Julio Prestes o candidato que foi eleito oficialmente, derrotando Vargas no pleito presidencial. Com a vigência da política de Vargas⁴⁷, uma nova forma⁴⁸ de ver os problemas sociais, políticos e econômicos do Brasil foram inseridas no seu governo. O medo de “inimigos internos” e uma busca pelo controle do Estado, fez com que a forma política de gerenciar o Estado se arranjasse mediante a um controle social.

Elizabeth Cancelli (1993) se pauta na ideia de que os críticos do liberalismo e da República vinham delineando um projeto alternativo para o país, na tentativa de montar uma nova forma política de controle social. As instituições recém-criadas concluíram que, pela desordem a qual o país estava vivendo era necessário a construção de um projeto político “democrático-autoriário”. Era necessário para o Estado, buscar alternativas que cessassem as conspirações, articulações revolucionárias e tudo que acreditavam contribuir para o caos da ordem pública.

45 PARÉS, L. N. *A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*/Luis Nicolau Parés. 2ªEd. Ver. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.126.

46 CARNEIRO, E. *Candomblés da Bahia* / Edison Carneiro ; apresentação e notas de Raul Lody. – 9°. ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2008.

47 Com a chegada do Governo provisório, novos decretos são sancionados em prol de uma nova organização política, Edgard Carone nos apresenta o decreto de 11/11/1930, bem como o primeiro artigo que mostra as atribuições e a autonomia do novo Estado: “Instituição do Governo Provisório dos Estados Unidos do Brasil, e dá outras providências. O Chefe do Governo provisório dos Estados Unidos Do Brasil, decreta. Art.1º O governo provisório exercerá discricionariamente em toda a sua plenitude as funções atribuições, não só no poder executivo, como também do poder legislativo, até que, eleita a Assembléia constituída, estabeleça esta a reorganização constitucional do País. Parágrafo único: Todas as nomeações de funcionários ou de quaisquer cargos públicos, quer sejam efetivos, interinos ou em comissão, competem exclusivamente ao Chefe do Governo Provisório.” CARONE, Edgard. *A Segunda República (1930-1937)*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1969, p.18.

48 Em destaque, o Artigo 11º do decreto de 11/11/1930 em que apresenta uma nova forma de gerir os Estados “O Governo Provisório nomeará um interventor federal para cada Estado, salvo para aqueles já organizados, nos quais ficarão os respectivos presidentes, investidos dos poderes aqui mencionados.” CARONE, 1969, p.19.

O discurso e a ação pós-30 foram sempre introdutórios à existência de um Estado violento suportado pelas ações policiais. Para tal Estado, o papel da polícia torna-se fundamental e, através da ação e transformação desta instituição, tornou-se possível recuperar a essência deste estado totalitário e a fundamentação de sua ação.⁴⁹

Portanto, notamos como o Estado munido de autoridade, adentrava nos meios sociais a fim de ordená-los e controlá-los, negando assim as individualidades e estabelecendo normas de comportamento. É sob esse viés repressivo que podemos identificar, por exemplo, os delatores sociais atuando junto com o Estado e contribuindo para os objetivos do governo de controle social. A respeito desse pressuposto Cancelli afirma que:

Grande parte da população ter permanecido atenta e convicta da existência de inimigos significou para os sérvios policiais que, mais uma vez, os objetivos repressivos estavam sendo alcançados. Sob uma estratégia de poder embasada no pressuposto de que formas discordantes de pensamentos ou ação queriam dizer sentimentos antipatrióticos e indignos, e que o terror e o medo eram indispensáveis para manter a salvo os lares e as famílias, a população agia mais uma vez como delatora⁵⁰.

Os delatores se viam sob a proteção policial como colaboradores de informações e pertencentes ao Estado. Dessa forma, também imaginavam-se sob a proteção da polícia, afinal acreditavam estar colaborando com a ordem policial. O candomblé também fazia parte da lista de perseguições da polícia⁵¹ e em *Jubiabá* percebemos através do diálogo dos moradores do “Morro do Capa Negro” a delação de algumas pessoas e o quão eram mal vistas perante os cidadãos que os denunciavam. Ao contar a história de Balbino e o caso em que espancou uma mulher afirmam que o mesmo era um delator de candomblés: “-Diz-que êle vivia dizendo onde tinha candomblé pra polícia fechar”⁵².

O reflexo desse medo inibia a entrada e a aproximação de qualquer homem branco do terreiro de candomblé, pois justificavam que poderia ser um policial disfarçado. Essa evidência é nítida em *Jubiabá*:

49 CANCELLI, E. O *Mundo da violência: A polícia da era Vargas* / Elizabeth Cancelli. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993, p.22.

50 *Ibid.*, p.140.

51 Não havia uma lei explícita para proibição ao candomblé, o que contribui para essa perseguição segundo Luhning “talvez mais surpreendentes, é que “uma campanha cerrada da imprensa levou a polícia a perseguir os candomblés” porque “a polícia ignora e fecha os olhos propositadamente” (T.6 - 29/5/1923). Insinua-se que a polícia não cumpre como seu papel de manter a ordem pública, e cada vez que “desvia delle a sua mão repressora”, deixa o candomblé ressuscitar (T.7 - 12/11/1926). Quer dizer que, apesar da “guerra declarada ao candomblé” (T.8 - 14/1/1932), “não pode ou não quis exterminar” o candomblé (T.9 - 2/7/1935), havendo novamente a insinuação de que ela o estivesse protegendo, o que é afirmado claramente na colocação de que o candomblé “é uma praga, gozando da mais larga e eficaz proteção da polícia” (T.44 - 2/8/1923). LUHNING, A. Mito e realidade da perseguição policial ao candomblé entre 1920 e 1942. In: *Revista USP*: São Paulo, Dez1995-Fev1996, p.208.

52 AMADO, 1935, p.34.

Isso de levar brancos, e principalmente desconhecidos para as macumbas, não dava certo. Podia ser um polícia que ia só para prender todo mundo. Uma vez tinham metido Jubiabá na chave, o pai-de-santo passara a noite lá e tinham levado Exu. Foi preciso que Zé Camarão, que era finório como ele só, fosse buscar o Orixá lá na própria sala do delegado, nas barbas do soldado.⁵³

Ângela Luhning (1995), em seu estudo sobre mito e realidade da perseguição policial ao candomblé entre 1920 e 1942 encontrou evidências desse encaixe, principalmente, sob a voz do delegado de Salvador⁵⁴, Pedro Azevedo Gordilho, também conhecido como “Pedrito”. Este foi um dos mais violentos perseguidores dos candomblés, fechando terreiros e atuando de forma repressiva contra os participantes do culto. Para ela:

Através de uma breve leitura dos acontecimentos gerais da época pesquisada, entendemos que o candomblé era, de certa forma, o “bode expiatório” para um pensamento demasiadamente influenciado por teorias evolucionistas, em moda na Europa e divulgadas no Brasil pelas traduções das principais publicações. Teorias que formaram uma vertente de pensamento que não queria reconhecer o valor da cultura negra e pretendia extingui-la.

Na verdade, todas essas teorias racistas, vigentes nos anos 20 e 30 — apoiadas por campanhas de imprensa — foram desfeitas pela própria realidade de vida em Salvador, onde persistem — apesar de todos os preconceitos que existiram e continuam existindo — mil ligações não sancionadas, que vão do contato amigável, amasiamento e convívio, até a afiliação ao candomblé, que mostram, afinal, a grande força da cultura e religião negra, que acabaram cativando pessoas de todas as raças e níveis sociais.⁵⁵

Não nos compete neste texto estender acerca da questão racial, mas sim, analisar através da leitura de Luhning, o conflito entre a polícia (ou elementos dela) e o candomblé. Indentificamos a mesma identificação na obra “Dorival Caymmi: o mar e o tempo” (2001) escrito por sua neta Stella Caymmi que salienta a figura e a fama de Pedrito:

53 Ibid., p.102

54 Luhning afirma que a história de Pedrito (entre 1920 e 1926) serve como exemplo para o período até 1936, em que podem ser observadas certas táticas e discursos que refletem o relacionamento entre o candomblé e a sociedade ao redor. LUHNING, 1996, p.196. O que corrobora com os estudos de Julio Santana Braga, em entrevista a Revista Estudos Avançados, diz à respeito de Pedrito, “o período em que mais houve essa perseguição foi na década de 1920, destacando-se aí o delegado Pedro Azevedo Gordilho, que foi o grande inquisidor da cultura religiosa. Ele realizou uma perseguição que não refletia somente a cabeça de um delegado de polícia, mas sim de toda a sociedade baiana. Naquela década, era a da segunda geração posterior à abolição da escravidão, e o candomblé era uma espécie de tormento para todos os padrões culturais na Bahia”. BRAGA, J. V. A luta segue por novos caminhos. [Jan./Abr., 2004]. São Paulo: Revista Estudos Avançados. Entrevista concedida a Revista Estudos Avançados.

55 LUHNING, 1996, p.208.

Foi por essa época que Dorival ouviu pela primeira vez falarem em comunismo. Muito sussurrado, porque não se podia nem pensar nisso, quanto mais proferir em volta alta. 'O delegado Pedrito era terrível, perseguia comunistas, fechava candomblé, dava em freira se fosse preciso; O povo já tinha um assobio para avisa lá no beco da Carne-Seca que ele estava por perto' – relata Caymmi.⁵⁶

A polícia operava como um agente intimidador e não diante as suas origens de intuito de proteção social, em outras palavras, havia uma incessante busca por inimigos internos como os comunistas que, como uma praga, deveriam ser erradicados⁵⁷. Além dos comunistas, outros grupos também sofreram forte repressão, Filinto Muller⁵⁸, quando chefe da polícia do Distrito Federal perseguiu os chamados “vadios” (sem trabalho) ao temer o que estes desocupados poderiam trazer a sociedade. Cancelli salienta que “Pelo código penal de 1941, a vadiagem e a mendicância passaram a ser classificadas não mais como crime (Código de 1841), mas como contravenção”⁵⁹.

Por sua vez, o candomblé se faz valer como uma religião de resistência, como em toda sua história sofreu da intolerância e foi reprimida com indiferença social e repressão político-social. Segundo Reginaldo Prandi (2009), o candomblé de modo geral, também sofreu perseguição da imprensa. Nesse momento era possível encontrar nas páginas de jornal campanhas contra uma prática religiosa que julgavam malévolas como magia negra, coisa do diabo, coisa de negro. Era visto como se fosse uma praga prejudicial ao Brasil que deveria ser erradicada. Não por acaso, obras de Jorge Amado que retratam e exaltam o candomblé foram queimadas durante o governo de Getúlio Vargas, e também acusadas de propaganda ao “credo vermelho. Nessa lista incluem 808 exemplares de *Capitães de Areia* (1937), 223 exemplares de *Mar Morto* (1936), 89 exemplares de *Cacau* (1933), 93 exemplares de *Suor*(1934), 277 exemplares de *Jubiabá* (1935) e 214 exemplares de *País do Carnaval* (1930)⁶⁰.

Luhning, em seu estudo no periódico *A TARDE*⁶¹, apresenta notícias que esboçam a preocupação tanto da imprensa na prática candomblé na vida social, tanto da polícia em tomar providências quanto a esses que, segundo o jornal, perturbam a ordem e exercem a prática da medicina de maneira ilegal⁶². Vejamos alguns exemplos que confirmam esse pressuposto:

56 CAYMMI, S. *Dorival Caymmi: o mar e o tempo*. São Paulo: Ed. 34, 2001, p.71.

57 Cancelli explica que “dentre todos os inimigos construídos pelo Estado, os comunistas foram os que mais impulsionaram a ação da polícia, mais justificaram sua existência e mais fortemente serviram à associação mítica coletiva da sua ideologia como obra do demônio.” CANCELLI, 1993, p.79-80.

58 Ver NASSER, D. *Falta alguém em Nuremberg. Torturas da Polícia de Filinto Strubling Müller*. Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1966.

59 CANCELLI, 1993, p.34.

60 GOLDSTEIN, N. Diálogos. In Goldstein, Norma S.(org) *Caderno de leitura: O Universo de Jorge Amado*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p.13.

61 Em notas, Luhning esclarece que os trechos de artigos de jornal citados indicam dia e página, a sigla AT (A Tarde). Para evitar qualquer dúvida, adianta-se que os artigos citados até o final de 1935 foram pesquisados no jornal A Tarde.

62 Emerson Giumbelli escreve que desde o final do século XIX já havia o debate sobre o feitiço atuando como prática medicinal, “A principal base remetia ao Código Penal, outra legislação dos inícios da República, que trazia dispositivos que criminalizavam a prática do ‘espiritismo’ e a da ‘magia e seus sortilégios’ (art. 157). Esse dispositivo ladeava outros que visavam a prática da medicina por indivíduos desprovidos de título acadêmico e o exercício do ‘curandeirismo’.” GIUMBELLI, E. A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 28(2): 80-101, 2008.

A policia vae de quando em quando contra os feitichistas, recolhendo-os ao xadrez e aprehendendo todos os utensílios de candomblé. Cessada, porém, a vigilancia da policia, elles voltam com mais ardor, fazendo 'despachos' por todas as encruzilhadas, immolando animaes e offerecendo-os em holocausto aos seus idolos, ao som dos atabaques.⁶³

O excerto remonta a ideia de que o candomblé, sendo recorrente de "feitiços"⁶⁴, e dentro do imaginário social estar alocado tanto a noção de curandeirismo quanto de bruxaria. O "perigoso" feiteiro como circunscrito no jornal, por praticar atividades que aos olhos dos repressores e dos que viam com distanciamento o candomblé, deveriam ser repelidos da sociedade, pois aos que cometerem essas "bruxarias", deveriam ser perseguidos. Em outro exemplo:

A denuncia fôra dada pelo parente de uma louca que ali [no candomblé do conhecido curandeiro Osumaré] estava em 'tratamento', com assentimento de seu próprio esposo.⁶⁵

Não raramente as denúncias se aglomeravam nos jornais. Costumavam relatar que tal candomblé raspou a cabeça de determinada pessoa e que esta, era mantida em uma espécie de cativo, não só mostra o desconhecimento daqueles quanto aos procedimentos da religião, como no caso os "ritos iniciáticos", como uma tentativa de utilizar esta alegação para fomentar ainda mais a perseguição e aquilo que era considerado há muito tempo como uma aberração social, que não por acaso, vai entrar em méritos da questão racial⁶⁶. O desconhecimento dos ritos e como notamos o cerceamento policial pode ser encontrado no trecho abaixo:

Lindolpho e Saturnino estavam a matar um gallo para uma 'cerimonia' em Brotas. Com isto não concordou a policia, pelo que os dois gallicidas foram levados para a delegacia auxiliar, onde passam a philosophar sobre as coisas incongruentes desta vida.⁶⁷

E por fim, ainda tramitando pelos exemplos do jornal *A Tarde*, um último indício pertinente a este artigo que evidencia a migração dos terreiros para fora da cidade, tanto no que tange uma maior aproximação à natureza, quanto o que evidencia a busca por um culto sem medo de repressões e delações:

A feitiçaria perseguida algumas vezes nos centros mais movimentados da cidade vae fugindo para os arrebaldes e pontos mais afastados, onde estabelece o seu consultorio...⁶⁸

63 *Jornal A Tarde*, 14/01/1932, p.2 apud LUHNING, 1996, p.210.

64 Ver, MAGGIE, Y. *Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

65 *Jornal A Tarde* 3/10/1922, p. 2 apud LUHNING, 1996, p.210.

66 Ver RODRIGUES, N. *As Raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1938.

67 *Jornal A Tarde*, 2/8/1933, p.10 apud LUHNING, 1996, p.211.

68 *Jornal A Tarde*, 2/10/1923, p. 2 apud LUHNING, 1996, p.212.

Assim o candomblé acabou tendo que se fechar cada vez mais nos terreiros, para evitar toda a repressão que ocorria no Brasil e criando formas para sobrevivência, mesmo quando seus líderes eram presos e seus cultos interrompidos. Somando-se ao olhar do romancista Jorge Amado, podemos refletir sobre as relações entre a religião, seus seguidores e as estratégias para continuidade do culto em um período de perseguição que ajudará a compreender as rupturas e continuidades do sincretismo e da cultura afro-brasileira. Citando em *Jubiabá*:

No altar católico que estava num canto da sala, Oxóssi era São Jorge; Xangô, São Jerônimo; Omolu, São Roque e Oxalá, o Senhor do Bonfim, que é o mais milagroso dos santos da cidade negra da Bahia de Todos os Santos e do pai-de-santo Jubiabá. É o que tem a festa mais bonita, pois a sua festa é como se fosse candomblé ou macumba.⁶⁹

Ao convidarmos para o debate a citação de Amado, entramos no debate em formação dos pesquisadores que pensam e repensam a questão do sincretismo, nosso proposta não remete a discussão do termo, para os próprios especialistas, já é um desafio. Para não deixar lacunas, a posição desse trabalho à respeito vem de encontro com a de Sergio Ferretti⁷⁰. O que nos preocupa, é a forma do encontro entre culturas de brancos e negros, e as formas de resistência surgidas que contribuem para a manutenção da religião afro-brasileira.

Mesmo com a influência católica, os terreiros conseguiram preservar uma forte identidade, nunca deixando sua dignidade e suas virtudes, transformando-se assim em um centro de resistência e conhecimento cultural do africano no Brasil.

Igualmente, a análise da obra *Jubiabá* denuncia o momento que o país vivenciava, e através das relações dos personagens e de suas histórias, podemos identificar o imaginário do início da década de 1930 em seus momentos políticos, sociais e religiosos. A ação policial era um importante elemento que fundamentava o poder de Vargas mantendo o terror nas ruas e deixando toda a sociedade à mercê de sua autoridade. Filinto Müller e o delegado Pedrito, são apenas exemplos da brutalidade e intolerância da polícia e como parte da sociedade se via desamparada de proteção e sob a égide do medo. Jorge Amado sentiu a força do regime Vargas⁷¹, e suas obras emergem uma ferramenta para entendermos a representação desse período.

69 AMADO, 1995, p.101.

70 "Durante mais de um século, através de correntes teóricas diferentes, muita coisa foi escrita sobre o sincretismo entre nós. Alguns acham que se deve evitar falar em sincretismo. Outros falam em anti-sincretismo, dessincretização, ou africanização e reaficanização, em relação às religiões de origens africanas no Brasil. Historiadores preocupados com as mentalidades e a vida cotidiana discutem esse problema, que era considerado específico da Antropologia. A trajetória desse conceito permite visualizar disputas acadêmicas e políticas, que acompanham análises da realidade social. Sincretismo, cultura, identidade, etnicidade, hibridismo, multiculturalismo e outras categorias sociais complexas, necessitam continuar a serem pensadas e repensadas, com a colaboração de diferentes ciências e correntes de pensamento. É importante lembrar que a própria definição dessas diversas categorias, como do fenômeno do sincretismo, continua constituindo um desafio para os especialistas." FERRETTI, S. F. Sincretismo e religião na festa do divino. In: Encontro Internacional sobre o Divino, 1., 2007, São Luís. *Anais...*, 2007. p. 3.

71 A polícia do Estado Novo considerou as obras de Jorge Amado como propagandas ao comunismo e sendo essas obras incineradas.

Lendo Reginaldo Prandi⁷², compreendemos como o candomblé está à margem do julgamento social e para sua adaptação e continuidade foram necessárias certas transformações, algumas delas forçadas como a migração para áreas isoladas e outras de cunho “menos radical” como a adaptação de imagens católicas e uma formação sincrética na religiosidade afro-brasileira.

Por este modo, trabalhar com a obra *Jubiabá*, concluímos como o romance tem raízes profundas com a ocasião descrita e partilhando das próprias memórias que configuram o momento vivido pelo escritor. O romance aborda questões que faziam parte da ordem do dia no cenário brasileiro de 1930. Amado destaca a questão das greves e do operariado, os problemas econômicos sociais entre os moradores do morro, a perseguição policial as religiosidades afro-brasileiras e aos grupos de esquerda. Desde a descrição das personagens, o Morro do Capa Negro, já destacado nesse estudo, colaboram para o pesquisador analisar como o afro-brasileiro estava situado no cenário de Salvador em relação ao seu cotidiano, nos anos 30 do século XX. O destaque ao candomblé no intitulado capítulo “Macumba”, indica a forte ligação do povo baiano com a religiosidade, principalmente como forma de conforto para os problemas diários.

Na leitura do romance *Jubiabá*, percebemos elementos da perseguição policial, com o pai de santo Jubiabá, Zé Camarão, e a curiosidade de Antônio Balduino, que apontam a forma como Amado enxergava seus contemporâneos, e contribuindo para os pesquisadores como uma rica fonte de análise. Esta análise busca trazer novos questionamentos para o trato com a obra literária, para manter diálogo entre os pesquisadores, e que esta perspectiva possa ajudar aqueles que pretendem se aventurar com as questões pertinentes entre história e literatura.

72 “Desde os tempos de sua formação até recentemente, o candomblé sofreu intensa perseguição por parte de autoridades do governo, política e muitos órgãos da imprensa, que mantiveram nas páginas de jornais campanhas odiosas contra uma prática religiosa que julgava, de forma preconceituosa, magia negra, coisa do diabo, coisa de negro, enfim. Como se fosse uma praga prejudicial ao Brasil que devia ser erradicada. O preconceito racial, que considerava o negro africano um ser inferior ao homem branco, se desdobrou e preconceito contra a religião fundada por negros livres e escravos. Ao longo de mais de um século, em diferentes partes do país, terreiros foram invadidos, predados e fechados, pais e filhos de santo, presos, objetos sagrados profanados, apreendido e destruídos. Isso obrigou o candomblé a se esconder, buscando lugares distantes, às vezes no meio do mato, para poder realizar suas cerimônias em paz. Transformou-se numa religião de muitos segregados, pois tudo tinha que ocultar dos olhares impiedosos da sociedade branca. O sincretismo católico que lhe serviu também de guarida e disfarce. A presença de um altar com santos católicos ocupando lugar de relevo no barracão do candomblé indicava, e em muitos terreiros ainda indica, que as pessoas ali reunidas antes de mais nada, católicas.” PRANDI, R. Religião e sincretismo em Jorge Amado. In GOLDSTEIN, N. S. (org) *Caderno de leitura: O Universo de Jorge Amado*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p. 51-52.